

Feminismo(s) na Revista Feminina Donna¹

Évilin Thaoane de Matos Campos²
Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre/RS

Resumo

Este artigo busca entender como seis vertentes feministas, com diferentes enfoques de militância, se manifestam em edições da revista feminina Donna, veiculada em Zero Hora, semanalmente. O recorte analisado são as reportagens das edições em alusão ao Dia Internacional da Mulher em cinco anos consecutivos, de 2013 a 2017. A pesquisa teve como resultado o aumento de discursos relacionados às vertentes no período estudado.

Palavras-chave: Representações Sociais; Feminismo; Revista Feminina; Donna.

1. Introdução

Os meios de comunicação são um dos fatores de disseminação de informações atuais e relevantes à comunidade, tendo como um de seus efeitos a representação social, conforme aponta Morigi (2014). Visto isso, o trabalho procurou identificar como discursos de cunho feminista estão sendo representados por um veículo de massa. Para tanto, foi realizada análise de conteúdo, a partir de premissas de Bardin (1977), em edições da revista feminina Donna, veiculada semanalmente no jornal Zero Hora³. O recorte da pesquisa são as reportagens publicadas em edições referentes ao Dia Internacional da Mulher de 2013 a 2017.

Contudo, não se pode resumir feminismo como um movimento social homogêneo, pois, é um mecanismo múltiplo, diverso e divergente. Por conta disso, há a necessidade de olhares variados. Por isso, foram selecionadas seis vertentes com enfoques discordantes. Sendo elas, Anarcofeminismo, Ecofeminismo, Feminismo Liberal, Feminismo Negro, Feminismo Radical e Feminismo Queer.

Para compreender melhor cada corrente, foram trazidas pesquisadoras feministas dedicadas a debater sobre temas levantados pela sua vertente de estudo, assim como, autores interessados em abordar o impacto da representação na mídia.

¹ Trabalho apresentado no IJ – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Graduanda em Jornalismo pela UniRitter. E-mail: evilin.matos.jornal@gmail.com.

³ Atualmente, é apontado como o jornal de maior circulação do Rio Grande do Sul com 195,5 mil exemplares impressos e digitais, segundo o site institucional.

2. Representações sociais na comunicação de massa

Para Morigi (2004) as mídias desempenham um papel central na vida social e cultural das comunidades por elaborarem concepções dos acontecimentos e da produção de sentidos. O autor acredita que um dos efeitos é a construção de um senso comum. Para ele, conceitos morais e éticos são elaborados de tal forma que se tornam senso da coletividade.

Aguiar (2006) identifica que, na atualidade, a comunicação de massa é um dos maiores agentes responsáveis por estruturar as representações sociais. O autor reforça que o jornalismo faz parte de um acordo social de levantar questões políticas, econômicas e culturais à população, exercendo o interesse público. Contudo, Fonseca (2008) lembra que a atual mídia está configurada nas premissas da indústria cultural, que elenca formas de agradar o maior público possível, transformando, desta forma, notícia em produto.

O tema “mulher” foi inserido na imprensa brasileira no século XIX. Antonio (2009) aponta que a primeira revista feminina do País, lançada em 1827, era intitulada de O Espelho Diamantino – periódico de política, literatura, bellas artes, teatro e modas dedicado às senhoras brasileiras. Mas, foi através de jornais que as primeiras manifestações em direção a conquistas e problematizações da condição feminina foram publicadas (PINTO, 2003). Antonio (2009) explica que a imprensa feminista se empenha em causas das mulheres e a feminina pensa na mulher como uma consumidora em potencial.

Em 2012, Donna passou a ser veiculada em formato de revista, para a mudança de formato, o Grupo RBS encomendou uma pesquisa aos Estudos Marplan EGM para conhecer o público leitor. O perfil da(o) leitora(o) foi constatado como sendo “87% dos leitores de Donna possuem casa ou apartamento próprio e 73% possuem cartão de débito. 75% têm interesse em profissão e mercado de trabalho e um entre cada dois utiliza regularmente o cartão de crédito e não se imagina sem internet” (Nova Revista Donna, 2012, p.3).

3. Feminismo(s)

Linhares; Melo e Silva (2017) propõem a utilização do termo feminismo no plural por entenderem o movimento com pluralidade. Segundo Soares (1994), assim como a categoria “mulheres” oferece distintas faces, o feminismo também concebe inúmeras vertentes capazes de dar conta de projetos específicos. Butler (2003) identifica que um movimento global de “mulheres” limita condições culturais, econômicas e políticas “em que é construído o espectro concreto das ‘mulheres’” (BUTLER, 2003, p.39). As autoras encaram a concepção de um único feminismo como incipiente para abarcar os diversos empregos que as mulheres desempenham.

Para saciar as teorias divergentes sobre a aplicação do feminismo na sociedade, surgiram correntes feministas. As vertentes começaram a ser concebidas na segunda onda do movimento – década de 1960 e se manteve até 1980. Antes disso, as lutas das mulheres eram caracterizadas por um único feminismo, no qual Passos (2010) pondera ter sido de cunho liberal. Mas, o caráter prolífico se deu na quarta – e atual – onda, intitulada de ciberfeminismo (LEMOS, 2010).

Os parágrafos a seguir abordam cada vertente estudada, porém a delimitação foi necessária para fins deste trabalho. Mas a pesquisadora deste artigo reconhece que os textos se tratam de mecanismos operacionais que explicam de forma básica as correntes, não trabalhando a complexidade das vertentes.

3.1 Anarcofeminismo

Esta vertente mantém os pilares do anarquismo, mas inclui questões das mulheres nas problemáticas produzidas pelo capitalismo. As demandas introduzidas no anarquismo pelas militantes são de liberdade sexual e intelectual (MENDES, 2006).

Hogan (2009) acredita que a não inclusão de dificuldades inerentes às mulheres por parte do movimento anarquista está ligada ao fato de militantes homens usufruírem da opressão feminina. Ela aprofunda dizendo que mesmo com o fim do capitalismo, a submissão da mulher não desapareceria, até mesmo, porque ela é anterior ao sistema de classes. A autora acredita que a opressão feminina se renova e acrescenta que as condições femininas não eram consideradas impedimentos para a dissolução da sociedade autoritária. Por essas questões, ela salienta que é mais propício a corrente se aproximar de outras vertentes feministas do que com os militantes homens.

Mendes (2006) busca na história da humanidade o início do ideal feminino. De acordo com a pesquisadora, com a modernização da sociedade, iniciada com a ascensão da burguesia, a construção do feminino foi amparada pela moral. As mulheres seriam o pilar da família, mas sem protagonismo, uma vez que sua responsabilidade volta-se à educação dos filhos, cuidados do marido e do lar. Esses valores, modelos e formas de conduta fazem parte de uma moral social, no caso, a moral burguesa, capitalista. Por conta disso, o anarcofeminismo não considera nenhuma empresa como revolucionária.

3.2 Ecofeminismo

A vertente é criticada por feministas que temem que a ligação da mulher com o natural reforce relações discriminatórias sobre a inferioridade intelectual das mulheres (PAULILO, 2010, p.929). A autora coloca que pensadoras como Vandana Shiva e Maria Mies acreditam, sim, numa ligação mais intensa das mulheres com a natureza, mas essa associação se deve a condições inerentes ao corpo feminino.

Adams (1990) considera que as mulheres possuem uma relação mais intimista com hábitos não danosos à fauna e flora, como adotar uma alimentação livre de carne animal, por sofrerem explorações semelhantes aos animais. A autora identifica os momentos em que os animais se tornam referentes ausentes quando destinados ao consumo e satisfação humana. No entanto, a quebra de costumes prejudicial ao ambiente também pode ser atribuída aos homens, logo, sua inserção é incentivada.

3.3 Feminismo Liberal

As primeiras movimentações de mulheres para direito ao voto, à liberdade sexual e à intelectual surgiram no período de efervescência que as teorias liberais ganhavam espaço na sociedade – século XX – o que culminou em ações liberais por parte das mulheres (PASSOS, 2010).

Uma das formas encontradas pela vertente de reformular o papel feminino na sociedade é incluindo mulheres em todas as esferas, acreditando que a representação tem caráter de mudança. A vertente liberal almeja proporcionar liberdade e espaço equiparado ao conjunto denominado “mulheres”, pois, encara que todas são iguais. No

entanto, essa construção apresenta falhas ao não se debruçar na resolução de desigualdades de raça e classe.

Contudo, como apresenta Passos (2010) a primeira movimentação de mulheres foi a precursora de mudanças radicais na sociedade. Já na contemporaneidade, outras formas de auxílio ao movimento feminista foram traçadas pela corrente liberal, como o movimento HeforShe e o estímulo ao empoderamento feminino.

3.4 Feminismo Negro

A corrente surge ao não ver demandas da mulher negra serem debatidas pelo movimento de mulheres e de raças. Carneiro (2011) enxerga que, enquanto mulheres brancas lutavam para perder o estereótipo de fragilidade, às negras essa definição nunca foi dada. Além disso, Coelho; e Gomes (2015) advogam que conquistas de mulheres brancas não significam, necessariamente, conquistas de mulheres negras, uma vez que a mesma classe de mulheres ocupa posições de destaque enquanto as mais vulneráveis socioeconomicamente permanecem em situações inferiores.

O preconceito racial, que as autoras denunciam, também levanta demandas econômicas e sociais, pois, a exploração fez com que negros produzissem bens aos senhores e a eles nada foi ofertado além de desigualdade (TELES, 1993). Ao contrário, Carneiro (2011) denuncia uma cultura colonial que permanece nas relações sociais. Logo, a vertente defende iniciativas de inserção de mulheres e homens negros e da população de baixa renda nas universidades, no trabalho e garantia de saúde, segurança e educação.

3.5 Feminismo Radical

A vertente radical debate todas as submissões em que as mulheres sofrem (SILVA, 2008). No entanto, para a corrente, o suposto empoderamento, pregado pelo Feminismo Liberal, ignora as raízes das problemáticas, pois, ao empoderar-se, as dinâmicas de submissão das organizações e dos homens não são erradicadas.

Silva (2008) explica que a corrente entende que, através do autoconhecimento sobre a situação feminina e do corpo, as mulheres quebraram a sua submissão, vastamente explorada pelos homens. A vertente admite diferenças físicas entre os

gêneros, mas rejeita os contrastes como limitadores para o exercício de funções laborais e acadêmicas. Por conta disso, exclui mulheres e homens transgêneros do debate por considerar as primeiras como “aproveitadoras” da condição feminina, e os segundos como uma demanda diferente da luta das mulheres.

Diferente do Anarcofeminismo, a corrente incentiva mulheres na vida política e em outras posições de poder, demonstrando que almeja reformular as estruturas patriarcais nas organizações públicas e privadas (SILVA, 2008).

3.6 Feminismo Queer

Apoiada, principalmente, nas premissas de Butler (2003), a vertente milita na desconstrução dos padrões impostos para sexualidade, gênero e desejo. A autora entende que a delimitação é algo institucionalizado por leis patriarcais que invadem as relações humanas ditando mecanismos de conduta, como heterossexualidade compulsória. Ao não seguir os conceitos intitulados de naturais, mas apontados, pela autora, como justamente podadores da expressão natural humana, ocasiona a clandestinidade de funções sexuais e de gênero.

As condições acabam por reprimir movimentações de todas as formas humanas. Butler (2003) elucida sobre o leque de restrições e orientações consolidadas por detentores do poder, ou seja, homens legislando signos. A mulher acabou por sofrer as maiores restrições, visto que, no contexto familiar e de cidadania, a feminilidade é descrita como passiva, enquanto ao homem cabe o ativo prazer - por mais que partes do corpo tenham sido excluídas na noção de masculinidade. Observando assim implicações misóginas.

4. Análise das Edições

O material analisado apresentou aumento de vertentes abordadas nos textos da revista a partir de 2015. Em 2013 e 2014 surgem elementos de três correntes em cada ano, no primeiro, Ecofeminismo, Feminismo Liberal e Feminismo Radical e no seguinte, Feminismo Liberal, Feminismo Negro e Feminismo Radical, respectivamente. O surgimento do Feminismo Radical se refere a questões ligadas ao corpo, sexualidade

e exposição de problemas inerentes às mulheres. A corrente não surge para debater instituições tidas como patriarcais pelo movimento.

Já o Ecofeminismo se apresenta em quatro edições, exceto em 2014, com exposições significativas. Em 2015, houve mais ocorrência da vertente - cinco reportagens registradas - do que Feminismo Liberal - três registradas. A vertente surge para demonstrar novas formas de consumo consciente e relação mais intimista com o corpo através de exercícios físicos e alimentação. Porém, não são mostradas formas de retirar alimentos derivados de animais do cardápio e evitar compras exageradas evitando, desta forma, a produção de resíduos, para a saúde do ambiente.

Em 2015, apenas o Feminismo Queer não apareceu. Em 2016, o Anarcofeminismo não esteve presente. Em 2017, todas as seis vertentes apareceram. O surgimento do Anarcofeminismo aparece em dois momentos: uma em 2015 para destacar a história de mulheres no México que lutam contra o narcotráfico, e outra em 2017 com Marli Medeiros, ela também luta contra traficantes da Vila Pinto e tornou-se líder comunitária através de sua atuação. Ambos os relatos fazem alusão a conceitos da vertente, uma vez que ela defende a quebra de instituições burocráticas.

O Feminismo Queer aparece uma vez mais que o Anarcofeminismo. Porém, poucos resquícios da vertente foram apresentados. Ao se referir ao movimento LGBTQ+ ainda é em tom de comunidade não como algo ampliado presente em todos os indivíduos. Logo, de uma forma bastante incipiente, é dada uma pequena amostra do tema, sem aprofundamento.

Dessa forma, a revista feminina se mostrou não interessada em debater o que o Feminismo Queer promove. Deixando de proporcionar diversidade em suas reportagens. Um indicativo de falta de diversidade está na inserção do Feminismo Negro. A vertente apareceu nos quatro últimos anos estudados. No entanto, sempre com um resquício em cada edição – exceto em 2015 que apareceu duas vezes. Em 2016 e 2017, a corrente estava presente nas reportagens do Prêmio Donna Mulheres que Inspiram, ou seja, no universo de mulheres, foram escolhidas mulheres negras para representar suas áreas de atuação, tal como, dermatologia, feminismo e comunidade.

Em 2014, a matéria Adorável Lupita esboça uma reportagem de duas páginas com uma mulher negra, premiada com o prêmio Oscar e com reflexões sobre problemas de autoestima que negros enfrentam numa sociedade que exhibe a cor branca. Em 2015, a vertente surge em duas reportagens que destacam questões socioeconômicas. Contudo,

nas outras matérias não há a presença de mulheres negras nem como fontes de informação e nem em imagens.

5. Considerações Finais

A análise dos cinco anos colabora para identificar a representação da mulher que está sendo construída pela revista, uma vez que ela se mostra como uma mulher branca, socioeconomicamente independente, com poder aquisitivo, engajada em questões de empoderamento feminino, não casada, heterossexual e escolarizada. Antonio (2009) debate justamente nessa formulação de revista na atualidade, uma vez que pulou de preocupada com bem-estar do marido para o seu próprio bem-estar, garantindo individualidade à mulher.

A descrição desta leitora se aproxima do Feminismo Liberal, por defender conceitos de empoderamento feminino e não se debruçar na reformulação de questões empresariais tendo ideias liberais (PASSOS, 2010). A corrente acredita que a inserção da mulher em meios ditos como masculinos é suficiente para causar mudanças ideológicas e comportamentais nas instituições. Além disso, a corrente não discrimina a inserção de pessoas no movimento, logo, torna-se palpável a um maior número de leitores. Fonseca (2008) ao falar sobre a indústria cultural destaca sua adaptação a exigências e preferências de tal forma que inclui na seara de informar o requisito de agradar públicos.

Contudo, houve uma presença significativa de conteúdos da pauta do Feminismo Radical. Seu surgimento pode ser explicado através da onda ciberfeminista que acaba por fragmentar todas as demandas (LE MOS, 2006) não sendo mais possível definir o que é e como é cada vertente com precisão, pois, elas estão em constante diálogo. Por isso, ao abordar temas, o jornalista, as fontes de informação e a disposição dos dados pode ter apresentado caráter Feminista Radical.

Outra corrente que demonstrou elevada predominância de seus elementos foi o Ecofeminismo. No entanto, Antonio (2009) e Hogan (2009) avaliam que tal mudança se deve ao fato do capitalismo enxergar a demanda como oportuna. Logo, sua inserção nos meios de comunicação é válida, mas se atém ao consumo e não ao contra consumo. Porém, nos Prêmios Donna Mulheres que Inspiram (2016-2017), o tema aparece de forma diferente, com iniciativas que visavam à resolução de problemas ambientais.

Se Ecofeminismo está na moda, como observaram os autores, o Feminismo Negro ainda luta para surgir em algumas publicações. Demonstrar conceitos da vertente não se mostrou como problema, a dificuldade está em proporcionar espaço equiparado para pessoas negras. Em outras palavras, mulheres negras surgem, na maioria, para debater questões específicas do movimento negro. Tal constatação confirma as premissas de Carneiro (2011) de que a visibilidade feminina pode não significar a visibilidade negra. Lugones (2014) aponta que na intersecção de raça e gênero a mulher negra desaparece, o que demonstra preconceito racial intrínseco na sociedade, pois, se mobiliza para incluir debates, mas não reflete se serão suficientes para eliminar dicotomias existências.

Já a presença Anarcofeminismo pode ser explicada a partir da utilização de espaços da indústria capitalista para disseminar ideias. O trabalho não se debruçou sobre as subdivisões de cada movimento. Porém, vale observar que o anarquismo tem uma subdivisão intitulada de anarquismo individualista que defende o dever de cada indivíduo em tomar atitudes próprias para alterar construções capitalistas.

Em 2017, surgiram elementos das seis vertentes, e, no geral, mais de uma incidência por reportagem. Tal constatação indica o caráter de diálogo dos conceitos. Contudo, suas presenças não são aprofundadas e não houve diversidade no que se refere a fontes de informação e temas levantados.

6. Referências bibliográficas

ADAMS, Carol J. **A política sexual da carne**: a relação entre o carnivorismo e a dominância masculina. São Paulo. Editora Alaúde Editorial, 2012.

AGUIAR, Leonel de Azevedo. **O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade**: notas introdutórias. v.7, n.13, p. 73 a 84, jul./dez, 2006.

ANTONIO, Celso Agostinho. **Revistas femininas e a plasticidade do corpo**: a progressiva modelagem comunicativa. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação na Contemporaneidade). Faculdade Cásper Líbero, São Paulo.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto Pinheiro. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira. Tradução Renato Aguiar, 2003.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo**: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Geledés 2011.

COELHO, Andreza Maria Sá; GOMES, Sansarah da Silva. **O movimento feminista negro e suas particularidades na sociedade brasileira**. Maranhão. VII Jornada Internacional de Políticas Públicas, 2015.

FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. **Indústria de notícias: capitalismo e novas tecnologias no jornalismo contemporâneo**. Porto Alegre. Editora da Universidade/UFRGS, 2008.

HOGAN, Deidre. **Feminismo, Classe e Anarquismo**. Tradução: Alejandra Cadenasso e Eliane Neves. São Paulo. Editora Faísca Publicações Libertárias, 2009.

LEMOES, Marina Gazire. **Ciberfeminismo: novos discursos do feminismo em redes eletrônicas**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). São Paulo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

LINHARES, Monique de Medeiros; MELO, Rachel Emanuelle Lima Lira Farias de; SILVA, Murilo Mesquita Melo e. **Feminismo, Oriente Médio e Relações Internacionais: uma visibilização importante**. Noveno Congresso Latinoamericano de Ciência Política, 2017.

MENDES, Samanta Colhado. **Anarquismo e feminismo: as mulheres anarquistas em São Paulo na Primeira República (1889 -1930)**. São Paulo. IX Encontro de Pesquisadores do Uni-FACEF, 2006.

MORIGI, José Valdir. **Teoria social e comunicação: representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos**. Revista eletrônica e- compos, n.1. Dezembro de 2004.

PAULILO, Maria Ignez S. **Intelectuais & Militantes e as possibilidades de diálogo**. Florianópolis. Revista Estudos Feministas, 2010.

PASSOS, Carla Christina. **A primeira geração do feminismo: um diálogo crítico com o pensamento liberal**. Fazendo gênero, 2010.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo. Editora Perseu Abramo, 2003.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. **Feminismo Radical: pensamento e movimento**. Paraná, v.2, n.3. Revista Travessia, 2008.

SOARES, Vera. **Movimento Feminista: paradigmas e desafios**. Estudos Feministas, 1994.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1993.

ZERO HORA. **Nova revista Donna: envolvimento e qualidade agora em novo formato**. Porto Alegre, 2012. Disponível em <https://issuu.com/andre0777/docs/case_donna_gr_fica_zh_diagramado> Acesso em 02 de agosto de 2017.

ZERO HORA. **Revista Donna**. Porto Alegre, 10 de mar. 2013.

ZERO HORA. **Revista Donna**. Porto Alegre, 09 de mar. 2014.

ZERO HORA. **Revista Donna**. Porto Alegre, 08 de mar. 2015.

ZERO HORA. **Revista Donna**. Porto Alegre, 05 de mar. 2016.

ZERO HORA. **Revista Donna**. Porto Alegre, 07 de mar. 2017.